

Rogério Rodrigues

# Apontamentos para construir e habitar cidades abertas

para além de proposição instrumental nas relações dos sujeitos com as cidades

Escrever uma resenha do livro do sociólogo e historiador norte-americano e professor da *London School of Economics* e de *Harvard* Richard Sennett é algo que se apresenta como uma atividade interessante, em que se permite ao leitor o inusitado caminho por diversos lugares do pensamento no campo da cultura.

O autor apresenta em sua escrita toda a sua envergadura intelectual, e a leitura se constitui numa agradável atividade, em que é possível defrontar-se com o inédito de que suas palavras seriam o reflexo da grande amplitude de seu pensamento. O assunto em questão é abordado sob diversos pontos de análise, e isso permite ao leitor uma chave de entrada para outros desdo-

bramentos de investigação no campo das pesquisas.

A análise rica de pensamentos de Richard Sennett posiciona-o como verdadeiro intelectual que não se conforta em permanecer acomodado no seu campo de saber, tampouco em se inibir, indo além das fronteiras do pensamento. Portanto, apresenta textualmente uma rica análise discursiva. No livro em questão, o tema da cidade aberta é pensado por Sennett, em *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta* (2018), para além da questão instrumental, que seria o modo de nos relacionarmos com os nossos lugares, ao colocar em discussão o estranhamento no modo como construímos e habitamos.

## Rogério Rodrigues

é graduado em Educação Física (Unesp/1987), mestre em Educação (Unicamp/1997), doutor em Educação (Unicamp/2004) e possui pós-doutorado em Filosofia da Educação (USP/2017). Professor dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e Pesquisador do programa de Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (UNFEI).

rrunifei@hotmail.com

Para o referido autor, ir além da questão instrumental em relação às cidades é o que nos permite acompanhar o grande desafio intelectual, no sentido de compreender que, por um lado, deveríamos reconhecer que vivemos em espaços que cada vez mais vão estreitando as nossas condições de nos relacionarmos com outros. Isso acaba se constituindo em projetos de cidades fechadas, que, em termos de proposição de planejamento, não se permite qualquer intervenção ou possibilidade de poder decidir coletivamente, restando ao sujeito apenas existir individualmente em seu interior. Por outro lado, o romper com a cidade instrumental é destituir as cidades fechadas e abrir o diálogo com o outro.

Este seria ponto central que Sennett (2018) radicaliza a questão de como construir e habitar as cidades abertas, ao indicar os possíveis pontos de contato do sujeito numa perspectiva de aprofundado grau de reflexão e erudição, ao estabelecer a criticidade na análise das possíveis decisões de planejamento urbano de modo coletivo, como elemento provocativo para a vida em sociedade. Essas decisões para construir e habitar as cidades somente podem ocorrer de modo coletivo, quando o conjunto dos moradores se implica com o seu lugar no sentido de colocar em discussão como é que se podem determinar as relações dos sujeitos com os seus espaços de vida, de modo a estabelecer outros sentidos na questão de existir no interior das cidades.

Neste contexto, a referida análise de Sennett se apresenta como tentativa de compreensão sobre como seria possível o sujeito tornar-se pertencente à pólis, como elemento em que as diversas formas de passagens nas cidades possam ser fechadas de não pertencimento para a transição de outra condição para cidades abertas, em que se inscreve a situação de pertencimento ao local em que o sujeito habita. Nestas circunstâncias, *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta* busca construir uma heurística e aprendizagem sobre as questões de como pensar e planejar as cidades, no sentido de acompanhar a exposição do pensamento sobre o tema em questão.

No livro, a questão da ética se coloca no momento em que o sujeito se compromete com o seu espaço de existência, e isso também é a marca de Sennett: apontar a sensibilidade de compreender a temática da cidade para além de espaço físico do construir e habitar, pois são lugares em que os sujeitos se constituem no transcorrer do tempo e que permitem a eles apropriar-se do território entre aqueles que vivem e habitam os seus espaços e, simultaneamente, é algo que também os constitui como sujeitos que pertencem à cidade e, portanto, devem se identificar com o espaço em que vivem.

Torna-se oportuno colocar em discussão a concepção de cidade, numa relação entre o sujeito e o espaço que ele ocupa nela, numa vertente que se apresenta na dualidade entre o aberto e o fechado, em que se possam constituir lugares habitáveis, em interface com a ética em se constituir como sujeito. O “aberto” seria uma cidade que permite um diálogo entre o sujeito e o espaço que habita, numa possibilidade de interferir diretamente neste lugar, sendo aquele que atua ativamente na construção da cidade, em que:

De modo geral, a exploração de alternativas bem no início da construção permite que o processo de coprodução exponha riscos e dificuldades; a deliberação sobre as alternativas propicia uma avaliação racional; a saída de cena do especialista no momento da decisão confere poder àqueles que vão viver o projeto (SENNETT, 2018, p. 296).

Nessa proposição é que Sennett aponta a responsabilização do sujeito perante o lugar que constrói e habita como elemento que rompe com o paradigma das cidades fechadas, em que este deixa de se relacionar de modo passivo e alienado com o lugar. É nessa não relação com o lugar que os espaços das cidades se tornam lugares de deslocamento, em que o sujeito não vê e não compreende a cidade que habita; portanto, os lugares seriam apenas vias de acesso de alta ou baixa velocidade para a mobilidade urbana.

Neste caso, trata-se de compreender que, para conhecer a cidade, é preciso estabelecer outras formas de relações com o lugar onde se constrói e se habita, em que se possam perceber as sutilezas que contornam os espaços, principalmente enfrentar a questão de como nos produzimos a nós mesmos como sujeitos, quando fazemos coisas e, no caso específico do texto em análise, fazendo da cidade um lugar de se construir e morar, que se estabelece na dualidade de relações abertas ou fechadas.

Essa questão entre o aberto e o fechado na constituição do sujeito faz parte de uma reflexão mais ampla, que também se encontra presente em outras obras do autor, e que compõem uma trilogia. Em *O artifice* (2009) e em *Juntos* (2013), temos a exposição do conjunto da reflexão de Richard Sennett sobre aquilo que se denomina a produção do sujeito *homo faber* no campo da cultura.

Na leitura do livro de Richard Sennett fica uma questão que atravessa todo o texto para aqueles que pensam as cidades como *ville* ou *citê*: deve-se compreender a cidade como lugar amplo ou lugar específico? Ficamos numa dualidade entre compreender se o projeto de cidade deve levar em consideração toda

a infraestrutura na construção de grandes obras e via de acesso ou se devemos nos preocupar, principalmente, com o localismo onde os sujeitos habitam.

Essa tomada de decisão implica toda organização da cidade, em que cada uma dessas opções coloca em dúvida qual seria o melhor caminho para construir o lugar que habitamos, e isso condiz com a pergunta: “Mas o que você faria”? (Idem, p. 107). Essa questão sobre como fazer as cidades é algo crucial, pois, em se tratando de cidade, alguma decisão tem de ser assumida e conduzida para produzir ou reproduzir nesta o lugar em que habitamos.

Partimos do pressuposto de que, de um lado, queremos viver em lugar planejado, e de outro, queremos o conforto no local. Entretanto, ao juntar as duas coisas, pode-se inviabilizar uma delas, uma vez que uma grande estrada ou aeroporto rompe com o silêncio do local e a tranquilidade do morador da cidade. Planejar a vida coletiva em cidade pode colocar o sujeito em confronto com questões que possam não atender aos interesses individuais. Essa polaridade entre o coletivo e o individual torna-se um ponto importante e destacado por Sennett, pois isso condiz, no interior das cidades, com o verdadeiro paradoxo que impede por completo a realização da cidade perfeita. O coletivo e o individual seriam a ambiguidade da vida em cidade, uma vez que queremos estar próximos e, simultaneamente, queremos manter distância um dos outros. No campo das cidades, isso se torna evidente como conflito que se expressa no contraditório e

É esta tensão que deixa a experiência humana torta; as pessoas ao mesmo tempo precisam se envolver e temem se envolver com as outras. Para sobreviver à “sociabilidade associal” é necessário estabelecer distâncias mútuas, lidar desapaixonada e impessoalmente com os outros (SENNETT, 2018, p. 327).

Nesse embaraço de querer estar junto e ao mesmo tempo longe é que se desenham a concepção e a discussão das cidades como lugar em que a questão entre o aberto e o fechado serve de heurística para se compreender radicalmente a decisão em termos de construir e habitar.

A partir de Sennett, seria importante colocar em discussão que o estar na cidade é saber lidar com o estranho como elemento que pode colocar em evidência as diferenças. Isso que estranhamos é algo também que pode colocar em discórdia a segurança daquilo que conhecemos como algo pertencente, pois quem está interessado em se perder nas cidades pelos lugares em que se caminha?

Vivemos em cidades que plenamente repetem em todas as esquinas as mesmas formas de relações do sujeito com o espaço e que o massificam primordialmente em diversas propagandas que intensificam o consumo. Isso é o que se apresenta como grande desafio na leitura do livro de Sennett, principalmente em não indicar prontamente uma resposta para o leitor e sim em apontar que uma cidade aberta é o grande desafio para diversos intelectuais que devem se preocupar com todos os espaços no sentido de ampliar as possibilidades de relacionar os sujeitos na construção de seus espaços de habitar, para se pensar as cidades abertas para além da questão instrumental no sentido de compreender a apropriação crítica do conceito de cidadania como resultado do projeto urbano e arquitetônico para ocupação dos espaços.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SENNETT, Richard. **O artífice**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro & São Paulo: Editora Record, 2018. ■